

INSÂNIA INSENSATA

(Estrela)

Numa formosa tarde de primavera, lá estava ela novamente olhando as fotos do álbum do seu antigo casamento. Insistia em vê-lo toda semana. E não tinha uma vez que não soltava amargas lágrimas da saudade que sentia daquele período de sua vida. Sabia que não tinha mais volta, no entanto, não conseguia mudar o que sentia. Seus filhos já tinham se cansado de falar para ela não chorar mais por aquela situação. Eles entendiam a decisão dos pais e achavam que sua mãe deveria construir uma vida nova. Para os familiares e amigos, Stella estava ótima e já havia superado o trauma da separação, mas, na verdade, ela sabia fingir muito bem, porque a ruptura ainda era demais para si mesma. Não aceitou.

Já fazia anos que haviam se separado. O ex-marido, bom de papo, sempre estiloso, alegou que se casaram muito jovens e que, depois de vinte anos, estavam muito diferentes um do outro. Stella, ao concordar com a fala do parceiro, aceitou a separação no mesmo instante, pensando que ele mudaria de ideia algum tempo depois. Não mudou. Anos se passaram e ela ainda esperava que ele voltasse arrependido. Não voltou.

Então, Stellinha, como era chamada pelos familiares, para alimentar o sentimento que tinha pelo amado, procurava resgatar o pouco que podia para sentir seu cheiro, ouvir sua voz, sentir sua presença. Sempre que ia à cidade, passava em frente da casa onde ele morava. Ficava sentada na calçada por longos minutos, observando se alguém não saía. Não saiu. Quando ele telefonava para saber dos filhos, sempre inventava outro assunto para poder ouvir mais a sua voz. Os presentes dados enquanto estiveram casados, usava-os sempre que podia.

Certo dia, Amore, como ela o chamava carinhosamente, ficou de passar em sua casa

para levar o filho mais velho a uma festa. Como Stella sabia ao certo a que horas ele passaria, colocou sua melhor roupa, passou o perfume preferido dele, ficou linda. Quando seu amado chegou, ele tocou o interfone, ela abriu a porta toda sorridente, simpática, com olhar extasiado, convidando-o a entrar. Não entrou.

Ele a cumprimentou educadamente, mas disse que não podia, pois Glória estava esperando no carro.

Sua ex-mulher se atrapalhou toda, despediu-se e subiu para o quarto. Não esperou seu filho sair. Trancou-se no seu aposento. Glória... quem era essa Glória?

Escutou a porta da sala se fechando e o eco do seu filho dizendo tchau, chau, au u u u. Aquele dia foi fatal.

A partir de então, todos os dias, contemplava seu álbum de casamento. Vestia a roupa que seu Amore mais gostava, usava seu perfume predileto, fazia o seu prato favorito e o esperava no mesmo lugar do sofá, quando ele chegaria do trabalho, antes da separação. Não chegou.

Seus filhos não sabiam mais o que fazer. Levaram-na ao consultório do melhor psiquiatra da cidade, o doutor Mendonça. Ele, com toda sua competência e sabedoria, recomendou que a mãe deles vivesse dessa forma, em sua casa, até o fim de seus dias, pois se a levassem ao sanatório seria muito pior.

Assim, Stellinha cantarolou, escreveu muitas cartas de amor, brigou, sonhou com o Amore voltando para seus braços. Ele, não voltou. Iludida, continuou vivendo o seu sonho até o último dia de sua vida. Ela, não viveu...